

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
CAMPUS DE IRATI
SETOR DE SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO

ADRIANE HARMATIUK

**ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO TURÍSTICA DO SALTO SETE ECOTURISMO E
AVENTURA, PRUDENTÓPOLIS/PR**

IRATI
2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
CAMPUS DE IRATI
SETOR DE SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO

ADRIANE HARMATIUK

**ANÁLISE DA SINALIZAÇÃO TURÍSTICA DO SALTO SETE ECOTURISMO E
AVENTURA, PRUDENTÓPOLIS/PR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do 4º ano do curso de Turismo da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Ferreira Maganhotto

IRATI
2016

AGRADECIMENTO

Este momento é de gratidão a Deus por ter me dado sabedoria, força e saúde para superar os obstáculos do meu caminho.

A meus pais pelo carinho e incentivo.

A meu marido pelo amor, paciência e apoio incondicional.

Ao meu orientador pela dedicação em me guiar nesta pesquisa.

A todos os professores que fizeram parte desta jornada.

Aos colegas que compartilharam das dificuldades e conquistas.

E, de modo geral, a todas as pessoas que estiveram ao meu lado me ouvindo com paciência e contribuindo para minha formação profissional e meu crescimento pessoal.

“A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos”. (Marcel Proust)

RESUMO

A todo o momento as pessoas estão em contato com símbolos, palavras, pictogramas e outras imagens que oferecem informação e orientação em seus deslocamentos. Do ponto de vista turístico, a informação provida pela sinalização turística tem relevância no que diz respeito à orientação, segurança e conhecimento sobre os atrativos turísticos. Considerando a importância da existência de sinalização turística adequada à recepção dos visitantes, esta pesquisa pretende analisar a localização, padronização, estado de conservação e a informação das placas de sinalização distribuídas pelo empreendimento turístico denominado Salto Sete: Ecoturismo e Aventura, localizado na zona rural do município de Prudentópolis, Paraná. A análise foi baseada nas definições dadas pelo Contran (2014), pelo Guia Brasileiro de Sinalização Turística (2011) e através de imagens registradas dentro da propriedade. Posteriormente, foram avaliadas as placas existentes e dadas sugestões da constituição de outras placas em locais onde não há sinalização.

Palavras-chave: Sinalização turística; Guia Brasileiro de Sinalização Turística; Turismo em áreas naturais; Ecoturismo.

RESÚMEN

A todo el momento las personas están en contacto con símbolos, palabras, pictogramas y otras imágenes que ofrecen información y orientación en sus desplazamientos. Del punto de vista turístico, la información a partir de la señalización turística tiene pertinencia con respecto a la orientación, seguridad y conocimiento sobre los atractivos turísticos. Considerando importante haber la señalización turística adecuada a la recepción de los visitantes, esta investigación pretende analizar la localización, estandarización, estado de conservación y la información de las placas de señalización distribuidas por el emprendimiento turístico llamado Salto Sete: Ecoturismo e Aventura, localizado en la zona rural del municipio de Prudentópolis, Paraná. El análisis fue basado en las definiciones dadas por el Contran (2014), por el Guia Brasileiro de Sinalização Turística (2011) y a través de imágenes registradas en la parte interior de la propiedad. Después, fueron evaluadas las placas existentes y dadas sugerencias para la constitución de otras placas en locales donde no hay señalización.

Palabras clave: Señalización turística; Guia Brasileiro de Sinalização Turística; Turismo en áreas naturales; Ecoturismo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do Salto Sete.....	13
Figura 2 - Pousadas Salto Sete.....	14
Figura 3 - O restaurante do Salto Sete.....	14
Figura 4 - Mirante na parte posterior do restaurante	15
Figura 5 - Cachoeira principal vista de baixo.....	15
Figura 6 - Cachoeira principal vista de cima.....	16
Figura 7 - Cachoeirismo	16
Figura 8 - Placa restritiva	31
Figura 9 - Placa educativa.....	31
Figura 10 - Placa orientativa.....	32
Figura 11 - Placa orientativa.....	33
Figura 12 – Pictograma	33
Figura 13 - Placa orientativa.....	35
Figura 14 - Placa informativa.....	36
Figura 15 - Placa indicativa de direção ou sentido	37
Figura 16 - Placa informativa restritiva	38
Figura 17 - Placa indicativa de direção ou sentido	39
Figura 18 - Placa indicativa de direção ou sentido	40
Figura 19 - Placa informativa restritiva	41
Figura 20 - Placa indicativa de direção ou sentido	42
Figura 21 - Placa indicativa de direção ou sentido	43
Figura 22 - Placa indicativa de direção ou sentido	44
Figura 23 - Placa indicativa de direção ou sentido	44
Figura 24 - Placa indicativa de direção ou sentido	45
Figura 25 - Placa indicativa de direção ou sentido	46
Figura 26 - Placa indicativa de direção ou sentido	46
Figura 27 – Vista aérea do Salto Sete: Ecoturismo e Aventura.....	49
Figura 28 - Mirante Salto Sete.....	49
Figura 29 - Trecho da trilha de acesso à parte superior do Salto Sete	51
Figura 30 - Rio na parte superior do Salto Sete	52
Figura 31 - Recipiente azul para lixeira	52
Figura 32 - Recipiente preto para lixeira	53

Figura 33 - Parte superior do Salto Sete	54
Figura 34 - Trecho de trilha de acesso à parte inferior do Salto Sete	55
Figura 35 - Percurso até a trilha de acesso à parte inferior do Salto Sete	55
Figura 36 - Trilha de acesso à parte inferior do Salto Sete	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	11
3 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	13
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
4.1 Aspectos gerais sobre o turismo	18
4.2 Turismo de Natureza	20
4.2.1 Ecoturismo	22
4.2.2 Turismo de Aventura	23
4.2.3 Trilhas	24
4.3 Infraestrutura e desenvolvimento da atividade turística	26
4.4 Sinalização turística	28
5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS	35
5.1 Levantamento e caracterização das placas existentes	35
5.2 Pontos a serem sinalizados	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
7 REFERÊNCIAS	59

1 INTRODUÇÃO

O turismo é uma atividade em que se inter-relacionam fatores econômicos, sociais, culturais e ambientais, na medida em que envolve o consumo de produtos e serviços, seja no setor de hospedagens, agências de viagem, transportes, lazer, informação e entretenimento, “os viajantes são consumidores de serviços turísticos, quaisquer que seja as suas motivações.” (IGNARRA, 2002, p. 25). Esta dinâmica transforma o espaço onde acontece e contribui para o seu desenvolvimento.

Em 2010, a Europa registrava uma média de 461 milhões de visitantes, enquanto que o Brasil registrava mais de 5 milhões. No ano de 2014, os países da Europa ainda são as principais preferências do turismo internacional, em média, o continente recebeu mais de 580 milhões de turistas. No Brasil, no mesmo ano, o país chegou a receber, aproximadamente, mais de 6 milhões de visitantes. (OMT, 2015).

De maneira geral, o aumento do número de turistas pelo mundo traz mudanças significativas no quadro econômico dos países mais procurados. Segundo dados da OMT (2015), o turismo caracteriza-se como um dos setores de maior geração de renda e emprego. Segundo Castelli (2006), fatores como a globalização, a facilidade de locomoção das pessoas com as melhorias nos transportes, o aumento da renda familiar e do tempo disponível para lazer, foram fatores que, estimularam as pessoas a fazer viagens.

Com o crescimento do número de turistas, alguns elementos se tornam fundamentais para o contínuo progresso do turismo mundial e local, como “fatores naturais, equipamentos, bens e serviços que provoquem a deslocação de visitantes, satisfaçam as suas necessidades de deslocação e permanência” (BARBOSA, 2005, p. 110).

Entre os principais elementos que devem estar presentes em um destino turístico, ou no caminho até ele, está a sinalização. As placas de sinalização exercem um papel fundamental em qualquer segmento, pois a informação pode atrair pessoas a um determinado local, alertar sobre possíveis riscos, situar pessoas sobre o ponto geográfico em que estão, entre outros, facilitando a mobilidade, sendo que a ausência de placas ou que estas estejam incorretas podem ocasionar problemas na localização e direcionamento das pessoas. Nesse sentido, Silva e Melo (2012, p. 130) afirmam que “a sinalização turística tem como finalidade garantir

o acesso fácil às informações sobre quaisquer atrativos turísticos e por sua vez, possibilitar um deslocamento acessível.”.

O empreendimento turístico Salto Sete: Ecoturismo e Aventura, localizado no município de Prudentópolis, Estado do Paraná, promove a atividade turística desde 2008, segundo informações do proprietário, e comercializa bens e serviços relacionados a práticas ecológicas, de aventura, de hospedagem e alimentação.

Foi selecionado como o *corpus* desta investigação por se tratar de um empreendimento localizado em uma área natural, apresentando cachoeiras como seu principal atrativo turístico e em compatibilidade com outros atrativos do município que são semelhantes, destacando-se, dessa forma, a importância de analisar a sua infraestrutura para receber os visitantes e, principalmente, a sinalização turística dentro do empreendimento.

2 METODOLOGIA

A investigação acerca do Salto Sete se caracteriza como um estudo de caso porque, segundo Fonseca (2002, p. 33 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32), este tipo de método “visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.”.

Além disso, a credibilidade de uma pesquisa está inteiramente ligada ao embasamento teórico e científico que o pesquisador utiliza para seu desenvolvimento e conclusão, assim, esta pesquisa pretende utilizar materiais bibliográficos e outros referentes ao turismo em áreas naturais, sinalização de locais turísticos, documentos que orientem quanto à norma de sinalização, documentos específicos sobre o Salto Sete e suas características.

Considerando a importância da sinalização turística, a infraestrutura do empreendimento turístico o presente trabalho apresenta como problema de pesquisa a seguinte questão: o Salto Sete: Ecoturismo e Aventura está devidamente sinalizado?

Neste contexto, ficou definido como objetivo geral: avaliar a sinalização turística do empreendimento turístico Salto Sete: Ecoturismo e Aventura, por meio do cumprimento dos objetivos específicos: levantar a sinalização existente, identificar novos pontos para implementação de sinalização e tipificar a informação (orientativa, restritiva e educativa) recorrente a cada ponto selecionado.

Por meio de um estudo de campo realizado no dia 09 de abril de 2016, foi verificada a localização das placas segundo a sua função, se elas oferecem aos turistas informações básicas necessárias à sua atividade no local, após esta verificação, foram fotografadas as placas existentes e os locais onde não havia sinalização e poderiam ser confeccionadas novas placas.

As placas existentes foram identificadas e avaliadas segundo alguns critérios como: estado de conservação, função, padronização, visualização e localização. Cada elemento recebeu uma avaliação numérica que vai de 1 a 3, sendo utilizado o número 1 para ruim, 2 razoável e 3 bom. Após esta avaliação, a cada placa será atribuída uma nota total, por média aritmética, de acordo com a qualidade dos elementos que a compõe. Os locais onde não há placas de sinalização também foram identificados a partir da necessidade de oferecer informação sobre percursos,

distâncias e atrativos do local e alertar sobre possíveis riscos e, após este procedimento, foram elaboradas sugestões de placas a serem implementadas no local a fim de promover mais informações e segurança aos visitantes.

3 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

O município de Prudentópolis está localizado no Estado do Paraná, é conhecido pela presença da cultura ucraniana devido à maior parte de sua população ser descendente de eslavos, que preservam a cultura, a religiosidade e a gastronomia dos imigrantes do século XIX, além disso, é lembrada também por seus parques naturais e cachoeiras, sendo o maior deles o Salto São Francisco, com 196 metros de altura (SALTO SETE: ECOTURISMO E AVENTURA, 2016).

Para o *corpus* desta pesquisa, foi selecionado um dos recursos turísticos do município de Prudentópolis, o Salto Sete, a fim de verificar a situação da sinalização turística encontrada neste local. O Salto Sete está localizado em uma propriedade privada, distando 11 quilômetros do centro da cidade, a figura 1 orienta a localização da propriedade.



Figura 1 - Localização do Salto Sete

Fonte: www.saltosete.com.br (2016)

Devido à presença de cachoeiras e quedas d'água, a localidade, que possui uma área de 37 hectares, ganhou a atenção de visitantes e aos poucos foi se tornando conhecida, fortalecendo o turismo na cidade e região. Atualmente, possui pousada, restaurante, estacionamento e recepção, além das trilhas e outros elementos do meio natural.



Figura 2 - Pousadas Salto Sete
Fonte: www.saltosete.com.br (2016)

O Salto Sete possui pousadas com estrutura rústica (figura 2), são chalés individuais em que os hóspedes podem ficar junto da natureza. Foram construídas próximas à trilha que leva até o mirante do salto.



Figura 3 - O restaurante do Salto Sete
Fonte: ALBERTON, V. (2016)

O restaurante da pousada fica localizado em uma área de fácil acesso próximo dos chalés e também das trilhas, além disso, dispõe de uma estrutura que permite ao visitante a observação da natureza, principalmente através de um mirante localizado na parte posterior do restaurante.



Figura 4 - Mirante na parte posterior do restaurante
Fonte: ALBERTON, V. (2016)

As refeições têm muitos elementos típicos da cultura ucraniana, o que oferece ao visitante um contato também com aspectos culturais significativos da região.

O Salto Sete possui sete cachoeiras e quedas d'água dispostas pela localidade, sendo que a maior delas tem 77 metros de altura.



Figura 5 - Cachoeira principal vista de baixo
Fonte: www.saltosete.com.br (2016)

O acesso à cachoeira principal é realizado por meio de trilhas em meio à mata fechada. Através delas também é possível chegar ao mirante da cachoeira e ao rio que se desenvolve depois da queda d'água.



Figura 6 - Cachoeira principal vista de cima
Fonte: ALBERTON, V., (2016)

O Salto Sete dispõe ainda de uma estrutura que permite aos turistas a realização de diversas atividades em meio à natureza, como o cachoeirismo, o cicloturismo, o arvorismo e os percursos de trilhas.

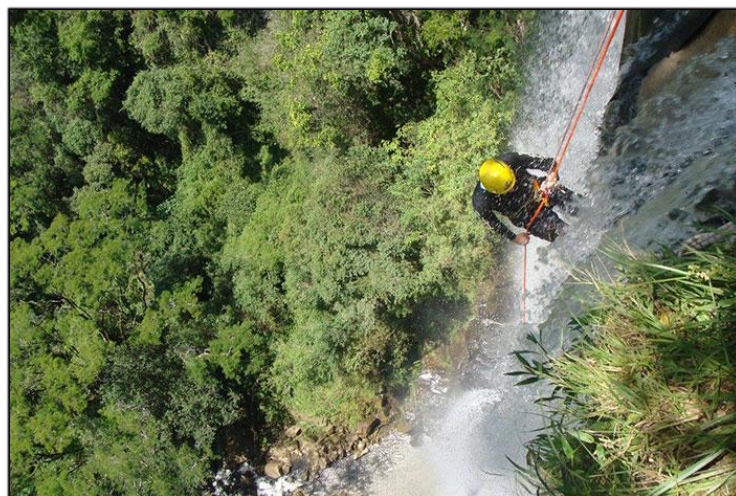


Figura 7 - Cachoeirismo
Fonte: saltosete.com.br (2016)

Entre as principais atrações do local está o cachoeirismo, que se trata de uma descida por quedas d'água de 30 a 40 metros de altura, com o uso de equipamentos próprios e em locais de fácil acesso. (ABETA; MINISTERIO DO TURISMO, 2009b).

De forma geral, o turismo no Salto Sete é voltado para atividades ao ar livre que visam o maior contato com a natureza e o incentivo à sua preservação.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Aspectos gerais sobre o turismo

O turismo é uma atividade que está relacionada com fatores internos e externos aos indivíduos, como os motivos que os levam a escolher um destino turístico e com o espaço onde as atividades acontecem.

O turismo pode ser considerado uma complexa combinação de inter-relações entre produtos e serviços integrados a uma prática social balizada na cultura, na herança histórica, no meio ambiente, nas relações sociais de hospitalidade e a troca de informações interculturais. (MACHADO, 2013, p. 110).

Segundo Barretto (2008, p. 09), a primeira definição de turismo data de 1911, quando Hermann von Schullern zu Schattenhofen afirmava que “o turismo é um conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado.”.

Barretto (2008) situa a atividade turística como um fenômeno antigo que se iniciou com os gregos, porque viajavam para ver os jogos olímpicos periodicamente de quatro em quatro anos. Já Ignarra (2002) aponta o início da atividade turística motivado por diversos interesses como o comércio, a necessidade que o homem tinha de conhecer novas terras, ocupá-las e explorá-las, mas afirma que foram os fenícios os que mais fortemente desenvolveram o conceito de viagem, devido às suas relações comerciais e o interesse em expandi-las pela sobrevivência.

Os primeiros registros de viagens de lazer aconteceram com os romanos, com o interesse em visitar templos e realizar banhos medicinais. A necessidade de realizar paradas pelo caminho fez surgir os primeiros registros de hospedarias, elementos fundamentais também para o turismo. (IGNARRA, 2002).

Ainda segundo Ignarra (2002) o avanço dos transportes ferroviários, marítimos e aéreos fez com que a atividade turística se desenvolvesse ainda mais, pois facilitou o deslocamento das pessoas. No Brasil, o turismo teve seu início com o próprio descobrimento, isso porque com este advento, a busca pela exploração da terra fez com que as viagens se tornassem mais frequentes. (IGNARRA, 2002).

O conceito de turismo está relacionado com a palavra de origem francesa *tour*, que significa *volta*. O ato de viajar e retornar ao lugar de origem é o que caracteriza o turismo, pois o tempo de permanência e o ato de não visar lucro com a viagem são dois dos principais elementos que caracterizam o turismo, aquele em que as pessoas procuram por prazer, contrário à viagem de negócios, estudos ou para compromissos sociais. (BARRETTO, 2008).

Oscar de La Torre (1992 *apud* IGNARRA, 2002, p. 24) define turismo como:

Um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupo de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Assim, é possível afirmar que o turismo é uma atividade em que as pessoas viajam sozinhas ou em grupos para os mais variados locais de acordo com as suas vontades e objetivos sem, contudo, visar lucro com este deslocamento, tendo em vista se tratar de uma viagem por prazer que se realiza por um determinado período de tempo.

A atividade turística pode ser desenvolvida nos mais variados locais, na praia, na montanha, no campo, na selva, etc. As viagens são realizadas para lugares previamente escolhidos pelos turistas de acordo com o objetivo de sua viagem e os elementos que a tornam favorável, pois, “um turista no seu ato de consumo turístico necessita de um conjunto de elementos para satisfazer às suas necessidades.” (IGNARRA, 2002, p. 47). Transportes, restaurantes, hospedagem, informações, comércio, serviços públicos são alguns dos principais elementos que podem contribuir para o aumento ou a diminuição do fluxo de turistas em determinado atrativo turístico.

Um atrativo turístico é um local que oferece ao turista elementos que satisfaçam às suas motivações e objetivos da viagem, que apresentem características diferentes do seu cotidiano. Eles podem ser atrativos naturais ou culturais. A localização do atrativo, o seu meio de acesso, o tempo que será necessário para que o turista possa conhecê-lo e os serviços disponíveis no local são fatores que devem ser considerados na análise dos atrativos turísticos, isso

porque, a melhor ou pior estrutura de recepção dos turistas pode ser um fator motivacional de sua visita. (IGNARRA, 2002).

4.2 Turismo de Natureza

Com o crescimento dos centros urbanos a busca pelo turismo em áreas naturais tem aumentado. Segundo Ruschmann (2004, p. 14), “as condições de vida têm se deteriorado nos grandes conglomerados urbanos e conduzem ao fato de que uma parcela crescente da população busca [...] as regiões com belezas naturais.”.

No cenário da sociedade atual é possível depreender que as pessoas estão cada vez menos envolvidas com o meio natural e para suprir esta ausência do contato com a natureza nos grandes centros urbanos, muitos indivíduos viajam em busca de parques, cachoeiras, praias, trilhas e outros espaços que favorecem o contato do homem com a natureza.

Por outro lado, com o crescimento da população, o uso dos recursos disponíveis na natureza também aumentou. A exploração destes recursos se tornou cada vez maior e, atualmente, o homem vem sofrendo com as transformações causadas pelo uso inconsequente dos recursos naturais e vem buscando estratégias para minimizar os impactos. Segundo Endres (1998, p. 38), “o homem moderno [...] faz da ocupação e exploração da natureza a fonte de seu progresso, processo este legitimado pelas próprias leis da natureza.”.

A preocupação com o uso consciente dos recursos naturais foi apontada, inicialmente, a partir da Conferência das Nações Unidas em 1972, reunindo 113 países para discutir sobre o desenvolvimento e o meio ambiente. No Brasil, esta preocupação teve força em meados dos anos 80 com o Projeto Turismo Ecológico, do EMBRATUR (Instituto Brasileiro de Turismo). Estas práticas tinham como objetivo buscar estratégias de uso sustentável dos recursos naturais na sua relação com o desenvolvimento econômico. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010).

No turismo, o uso sustentável do meio é o que mantém e valoriza os recursos naturais, culturais e suas características, dentro das possibilidades, e que as mantém para as gerações futuras. (WWF, 2001 *apud* WWF Brasil, 2004).

O consumo de produtos e serviços gera impactos econômicos, sociais e ambientais, pois o uso constante do espaço pelo ser humano provoca nele transformações. Segundo Pires de Oliveira (2013, p. 17) “o turismo assenta na

existência e exploração de recursos – naturais, culturais, ambientais e humanos – e pode provocar grandes transformações nos locais onde se desenvolve.”.

Por isso, o Turismo de Natureza é entendido como:

Um segmento do turismo que utiliza o patrimônio natural e cultural, de forma sustentável, com intercâmbio sob diferentes formas entre o homem e a natureza, para promover a conservação dos recursos locais (físicos e humanos), otimizando os custos e ganhos ambientais, culturais, econômicos e sociais, orientado por planejamentos participativos. (DIRETRIZES PARA O TURISMO EM ÁREAS NATURAIS NO PARANÁ, 2000, p. 04).

Assim, turismo de natureza pode ser entendido como uma atividade realizada pelo homem no meio natural visando à conservação da natureza.

Segundo McKercher (2002), a busca pelo turismo em meios naturais intensificou-se nos últimos anos devido ao interesse das pessoas por problemas ambientais, bem como o desejo por uma vida mais saudável e o maior contato com a natureza, de forma geral, estima-se que o setor cresça de dez a trinta por cento ao ano.

No Brasil, “dados do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) mostram que estas unidades [unidades de conservação em 71 parques nacionais] receberam 6,6 milhões de visitantes em 2014, 10% a mais do que em 2013.” (BRAGA, 2015) Além disso, o país é considerado pelo Fórum Econômico Mundial o de maior potencial turístico em recursos naturais do mundo. (BRAGA, 2015).

O crescimento do turismo de natureza no Brasil fez com a Associação Brasileira de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA), através do Programa Aventura Segura (PAS), em parceria com o Ministério do Turismo (MTUR) e a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), incentivasse os proprietários de atrativos turísticos no meio natural a capacitarem seus colaboradores, contribuindo para um avanço no segmento. (EICHENBERG; DA SILVA, 2013).

Entre os principais tipos de segmentos do turismo de natureza, destacam-se o Ecoturismo e o Turismo de Aventura que também proporcionam experiências ao ar livre.

4.2.1 Ecoturismo

O Ecoturismo é um segmento do Turismo de Natureza, mas vale ressaltar que nem toda atividade em meio natural pode ser considerada Ecoturismo, tendo em vista que o último, além de utilizar a natureza como seu espaço principal, visa diminuir impactos no meio ambiente. (DRUMM; MOORE, 2003).

O Ecoturismo é uma atividade que permite aos turistas vivenciarem o contato com a natureza ao mesmo tempo em que reconhecem a importância de sua conservação. O crescimento desta atividade está relacionado principalmente ao interesse das pessoas pelo turismo no meio natural e a conscientização da necessidade de preservação ambiental e desenvolvimento sustentável. (REVISTA ECOTURISMO, 2015).

O conceito de Ecoturismo começou a aparecer mais frequentemente nos últimos vinte anos, isso porque o incentivo à preservação ambiental estava relacionado ao interesse econômico das empresas de turismo local em continuar utilizando o espaço natural visando à sua proteção. O ecoturismo aparece como uma estratégia de geração de lucros e conservação dos recursos. (DRUMM; MOORE, 2003).

No Brasil, segundo Correia e Santos (2003), devido à falta de políticas nacionais que regulamentassem a atividade turística e o aumento descontrolado do turismo, o ecoturismo teve um desenvolvimento desordenado, tendo sido só no ano de 1994, com a criação das diretrizes para a Política Nacional do Ecoturismo, que o desenvolvimento foi norteado por iniciativas governamentais.

Estas diretrizes transformaram o ecoturismo em uma alternativa de desenvolvimento sustentável, associando o uso de recursos naturais a práticas de preservação e conservação do espaço. (CORREI; SANTOS, 2003)

Sabe-se que a atividade turística é uma importante fonte geradora de emprego e renda em determinado local, mas, ao mesmo tempo, a presença constante dos turistas no espaço natural traz impactos negativos para o meio e para a população que nele habita. Segundo Pires de Oliveira (2013), esta relação entre o desenvolvimento econômico e a conservação do espaço deve ser equilibrada, tendo em vista a necessidade de utilização dos recursos, a forma como são utilizados e as exigências de um mercado cada vez mais amplo e competitivo.

Nesse sentido, segundo López-Richard e Chináglia (2004, p. 202):

o ecoturismo deve ser a atividade turística que visa minimizar o impacto no meio ambiente no qual se desenvolve, priorizando a proteção e a conservação sustentável dos recursos ambientais (naturais, culturais, históricos etc.), bem como a contribuição para o bem-estar econômico e social da comunidade, resultado da interação e da coexistência harmoniosa entre esta e a atividade ecoturística.

O ecoturismo aparece como o ponto de equilíbrio entre a utilização do espaço natural para a prática da atividade turística e uma forma de conscientização da importância da preservação do meio ambiente, sendo promovido por estratégias que visem reduzir os impactos causados pela atividade turística ao mesmo tempo em que o visitante pode ser recebido com infraestrutura adequada para sua segurança e mobilidade. “O Ecoturismo pode ser entendido como as atividades turísticas baseadas na relação sustentável com a natureza e as comunidades receptoras, comprometidas com a conservação, a educação ambiental e o desenvolvimento socioeconômico.” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 19).

4.2.2 Turismo de Aventura

O Turismo de Aventura se encontra nas experiências vivenciadas por pessoas que procuram o meio natural para desenvolver atividades físicas e de relaxamento. O elo com o Ecoturismo se mantém, nesse sentido, na medida em que as práticas das atividades no meio natural misturam a sensação de aventura com o incentivo à preservação, mas há uma diferença significativa entre os dois segmentos quanto à prioridade dada em cada atividade:

Se no ecoturismo a motivação principal é a observação e a apreciação das características naturais e dos recursos culturais a ela associados, promovendo o desenvolvimento sustentável das populações, no Turismo de Aventura dá-se preferência, em maior e menor graus, à atividade física e situações desafiadoras. (ABETA; MINISTÉRIO DO TURISMO, 2009a, p. 32-33).

O termo Turismo de Aventura surgiu em meados dos anos 80, tendo sido relacionado o turismo com as atividades econômicas que movimentavam as práticas turísticas, mas a sua definição no Brasil veio a partir do ano de 2001 na Oficina para a Elaboração do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável do Turismo de Aventura:

segmento de mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam riscos controlados exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural. (ABETA; MINISTÉRIO DO TURISMO, 2009a, p. 29-30).

O Turismo de Aventura é uma atividade em que os turistas participam e têm experiências baseadas na prática do ecoturismo. O termo aventura, nesse sentido, está relacionado com o seu resultado incerto e sempre associado a um desafio. (LÓPEZ-RICHARD; CHINÁGLIA, 2004).

Entre as principais atividades praticadas no Turismo de Aventura estão o arvorismo ou arborismo, entendido como um percurso realizado em trilhas e equipamentos instalados em árvores; *bungee jump*, que consiste em saltos de grandes alturas com equipamentos próprios para a atividade, caminhadas de longos percursos, geralmente realizadas em meio à mata; cicloturismo, passeios realizados com bicicleta; rapel, descida realizada por meio de cordas de sustentação; tirolesa, entendido como a prática de um percurso de uma ponta a outra de uma corda suspensa em que turista desliza na forma horizontal ou diagonal; *Rafting*, percursos realizados nas descidas de rios com a ajuda de botes infláveis, entre outros. (ABETA; MINISTÉRIO DO TURISMO, 2009a).

Dessa forma, o Turismo de Aventura é entendido como o conjunto de atividades realizadas pelo turista em áreas naturais que promovem a recreação e não a competição, utilizando equipamentos específicos para cada tipo de atividade e procedimentos que visem à segurança e a conservação do meio ambiente.

4.2.3 Trilhas

As trilhas sempre foram essenciais no deslocamento das pessoas entre lugares. Com o surgimento de outros meios de transporte e as melhores condições das vias de locomoção como estradas, calçadas, ruas, entre outros, fizeram com que o conceito de trilha tomasse outros rumos. Segundo Andrade (2003, p. 247) “de simples meio de deslocamento, as trilhas surgem como novo meio de contato com a natureza.”.

No ecoturismo, uma das principais atividades é a caminhada por meio de trilhas. Seu uso constante gera impactos no meio ambiente e pode provocar alterações no solo, na vegetação e outros decorrentes do mau uso, de resíduos deixados pelos turistas. Por isso, a construção e manutenção adequada das trilhas auxiliam na conservação do meio ambiente, além de promover um passeio com segurança e satisfação aos visitantes. (ANDRADE, 2003).

As trilhas são definidas por:

Conjunto de vias e percursos com função vivencial, com a apresentação de conhecimentos ecológicos e socioambientais da localidade e região. Podem ser autoguiadas por meio de sinalização e mapas ou percorridas com acompanhamento de profissionais, como Guias de Turismo e Condutores Ambientais Locais. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2010, p. 30).

Esta assimilação entre as trilhas e o meio ambiente deve vir acompanhada de uma preocupação sobre a proteção da natureza, para promover um equilíbrio entre o uso do espaço e sua conservação. Nesse sentido, Siqueira (2004), destaca a interpretação do ambiente como uma alternativa para o visitante utilizar a área de forma adequada.

as trilhas interpretativas proporcionam maior interação do homem com o meio ambiente instruindo-o sobre a manutenção deste. Tais trilhas cumprem o papel de auxiliarem a compreensão, por exemplo, dos habitats naturais da área visitada. (SIQUEIRA, 2004, p. 81).

As trilhas são vias de acesso a lugares em meio à natureza, que devem ser sinalizadas de forma adequada para que o turista possa orientar-se sozinho ou com o acompanhamento de profissionais.

As trilhas recebem classificações de acordo com o grau de dificuldade de seus percursos e a forma do trajeto delineado, além disso elas podem ser utilizadas de acordo com a sua função. As trilhas utilizadas por vigias ou funcionários podem não coincidir com as utilizadas pelos visitantes, por exemplo. (ANDRADE, 2003)

Quanto ao grau de dificuldade dos percursos são classificadas de acordo com as variações de intensidade e nível técnico (fácil, com obstáculos naturais, habilidade específica) de cada percurso, ou de acordo com as experiências do visitante, elas podem ser classificadas também como guiadas, quando realizada com o auxílio de um profissional, geralmente nos casos de turismo de aventura, ou

auto-guiadas, sem ajuda de um profissional em turismo, neste caso ressalta-se a importância de haver sinalização e mapas ou roteiros que auxiliem a caminhada. (ANDRADE, 2003).

Quanto à forma, elas podem ser circulares, quando o percurso é realizado sem que o visitante tenha que retornar até o ponto de partida pelo mesmo local, em oito, que são formas que melhor aproveitam o espaço, a linear, que tem a finalidade de dar acesso a um local e em atalho, uma forma de trilha que oferece um caminho alternativo da trilha principal. (ANDRADE, 2003).

Dessa forma, sabe-se que as trilhas podem ser planejadas de acordo com uma finalidade específica em relação ao espaço onde se localizam. O percurso definido pelas trilhas deve oferecer ao turista sinalização, informações e roteiros para que ele possa realizar a caminhada sozinho ou em grupos. Além disso, um planejamento eficiente das trilhas pode minimizar impactos ambientais e promover a preservação da natureza.

4.3 Infraestrutura e desenvolvimento da atividade turística

A infraestrutura pode ser definida como o conjunto de elementos que constituem o saneamento, transporte, saúde, educação, moradia e outros que fazem parte das condições básicas necessárias para a sobrevivência humana. Segundo Ignarra (2002, p. 30-31), os elementos que constituem a infraestrutura básica em um atrativo turístico:

são os elementos essenciais à qualidade de vida das comunidades e que beneficiam complementarmente os turistas ou os empreendimentos turísticos. São, portanto, elementos que [...] podem contribuir para a qualidade do produto turístico. Fazem parte desta infraestrutura básica os elementos tais como: vias de acesso, saneamento básico, rede de energia elétrica, comunicações, sinalização turística, iluminação pública, etc.

No setor turístico, a infraestrutura está concentrada em duas dimensões a de acesso e de recepção, ou seja, a facilidade nos transportes e mobilidade das pessoas e a qualidade dos serviços, determinantes para a competitividade turística, tendo em vista que “à infraestrutura de acesso é relegado papel central na aproximação do turista a determinada localidade” e “a capacidade de receber o

turista, proporcionar o máximo de conforto e segurança é objetivo de qualquer localidade turística.” (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006, p. 86).

Dessa forma, a infraestrutura adequada em um empreendimento turístico pode proporcionar ao turista os bens e serviços necessários à sua comodidade e prazer, levando um número maior de turistas ao local, tendo em vista possuir elementos que atendem às suas necessidades.

Nos centros urbanos, a infraestrutura também exerce um papel fundamental para o desenvolvimento da atividade turística, isso porque, segundo Oliveira (2011, p. 05), “a infraestrutura urbana, garante condições para que haja o investimento privado no setor e para as comunidades traz melhorias e bem estar social, para que esta esteja pronta para receber a atividade turística.”.

Beni (*apud* OLIVEIRA, 2011) afirma que existem dois tipos de infraestrutura, uma geral, que está relacionada aos elementos básicos como rede de transportes, comunicação, saneamento básico, energia e outros, e outra específica, que se relaciona exclusivamente à atividade turística.

Sabe-se, portanto, que há uma intrínseca relação na atividade turística entre a infraestrutura e seu desenvolvimento, isso porque a realização de atividades turísticas em determinados locais depende de dois fatores:

disponibilidade dos serviços, sem os quais as atrações turísticas não podem sequer entrar em contato com o mercado consumidor. [...] e incapacidade de expandir as distintas infra-estruturas de maneira eficiente e em compasso com o aumento da demanda turística, garantindo equilíbrio sócio-ambiental e econômico de maneira simultânea. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2006, p. 5-6)

A infraestrutura está, nesse sentido, relacionada à demanda turística e ao conjunto de serviços necessários aos visitantes, pois, o turismo depende do uso do espaço e deve ser realizado de modo consciente, visando à preservação ambiental e ao desenvolvimento sustentável.

Ao mesmo tempo em que a atividade turística promove o desenvolvimento econômico da região e beneficia a comunidade com a geração de emprego, renda, mão-de-obra e a sua valorização, a intensificação da atividade turística em determinado local provoca transformações ambientais e sociais se não dispuser de um planejamento adequado. Conforme Ignarra (2002, p. 62), “o planejamento da atividade se faz necessário, tanto para acelerar e maximizar os efeitos positivos da atividade, quanto, e principalmente, para que os efeitos negativos sejam mitigados.”.

Dessa forma, o planejamento pode ser compreendido como um conjunto de estratégias escolhidas segundo a sua função e a importância dentro de um contexto. Isto é, “constitui-se em um conjunto de atividades que propõem criar condições ideais para atingir os objetivos preestabelecidos.” (NOVO; TEIXEIRA DA SILVA, 2010, p. 12).

A implantação de infraestrutura adequada à prática da atividade turística deve vir acompanhada de uma conscientização para a proteção do meio ambiente, isso porque, o turismo no meio natural, requer algumas modificações no espaço e o fluxo constante de pessoas (ALEXANDRE; COSTA, 2003).

Nesse sentido, aparece a necessidade de haver um planejamento correto em qualquer empreendimento turístico a fim de proporcionar aos turistas condições de acesso e permanência em determinado local, promovido por infraestrutura adequada e boa qualidade nos serviços prestados. Além disso, o planejamento também deve levar em consideração fatores essenciais à preservação ambiental e o desenvolvimento sustentável.

4.4 Sinalização turística

O ser humano está em constante contato com diversos tipos de informações no seu cotidiano. Estas informações são adquiridas por meio de imagens, placas, palavras e outros tipos de comunicações que fazem com que as pessoas tomem consciência dos fatos de forma ágil e fácil. Uma placa sinalizando uma parada de ônibus, por exemplo, dispensa qualquer tipo de palavra, tendo em vista que a própria figura do ônibus já transmite uma informação. Em outro caso, uma só palavra pode dar uma informação precisa sobre lugares ou direções a serem tomadas.

Este reconhecimento dos objetos que se tornam padrões em todo o mundo tem uma importância significativa para a mobilidade das pessoas, principalmente quando se trata do turismo. A padronização das placas e das informações necessárias às pessoas tornam seus deslocamentos mais rápidos e fáceis.

No ano de 2001, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o Departamento Nacional de Trânsito – DENATRAN e o Instituto Brasileiro do Turismo – EMBRATUR instituíram o Guia Brasileiro de Sinalização Turística a fim de promover a padronização das placas de sinalização turística, facilitando os

deslocamentos dos turistas mediante uma linguagem comum. (GUIA BRASILEIRO DE SINALIZAÇÃO TURÍSTICA, 2001).

A sinalização turística se constitui como orientadora dos turistas a chegarem aos lugares que desejam, formada por um conjunto de placas posicionadas de acordo com a sua função no decorrer do caminho a ser seguido, elaboradas a partir de um planejamento de acordo com o local (GUIA BRASILEIRO DE SINALIZAÇÃO TURÍSTICA, 2001).

Segundo o CONTRAN (2014, p. 90):

O planejamento de um sistema de sinalização de orientação de destino deve estar baseado na definição de uma estrutura de informações que possibilite as viagens pelos melhores trajetos, orientando o usuário até o local de destino e permitindo uma compreensão global do sistema adotado. A sinalização de orientação de destino deve atender às principais demandas de deslocamento dos usuários da via, com diferentes níveis de abrangência geográfica, através de um conjunto de informações integradas.

A sinalização turística é um conjunto de placas e informações que devem estar associadas a outros tipos de sinalização e ser disposta o mais abrangente possível, além disso:

Deve ainda ser integrada aos espaços urbano e rural de forma harmônica, com o mínimo de interferência sobre o meio, compondo com o ambiente de modo a não causar impactos indesejáveis, nem tornar-se obstáculo de qualquer natureza, especialmente os visuais e os relacionadas à livre circulação de pedestres e veículos. (GUIA BRASILEIRO DE SINALIZAÇÃO TURÍSTICA, 2001, s/p).

A sinalização está entre os serviços básicos de infraestrutura no turismo, sendo imprescindível para o desenvolvimento turístico em determinada região.

A sinalização de cunho turístico faz parte da infraestrutura turística de uma localidade, e serve como uma ferramenta de organização do turismo em uma determinada região, já que auxilia os turistas a se posicionarem dentro da mesma. Da mesma forma, contribui de maneira relevante para a valorização da localidade receptora, já que esta por sua vez proporciona aos visitantes uma ferramenta de comunicação fundamental que facilita a mobilidade urbana. (ROSA FILHO *et al*, 2014, p. 267).

Assim, a sinalização exerce um fator primordial no desenvolvimento da atividade turística, auxiliando na mobilidade dos visitantes, no conhecimento dos seus destinos bem como oferece informações sobre locais, serviços e segurança.

A implantação de sinalização turística deve levar em conta os deslocamentos dos turistas tanto através de veículos automotores quanto a pé, além disso, deve ser realizada dentro de critérios de padronização estabelecidos pelo Guia Brasileiro e Sinalização Turística.

O primeiro passo antes da sinalização é o reconhecimento dos atrativos turísticos a serem sinalizados de acordo com o seu potencial e as condições de receber visitantes, fazendo um levantamento de informações sobre eles e da importância dos atrativos para a região, em seguida, elabora-se a sinalização de forma a atender às necessidades da região sobre os locais dos atrativos (GUIA BRASILEIRO DE SINALIZAÇÃO TURÍSTICA, 2001).

As placas de sinalização turística são compostas por mensagens, pictogramas e setas direcionais, como indicações de locais, distâncias, atrativos e serviços. Elas podem ter carácter informativo restritivo, informando sobre locais que oferecem risco aos visitantes, educativo, que informam sobre o comportamento do visitante e orientativo, dando informações sobre direções e distâncias.

Segundo a padronização dada pelo Guia Brasileiro de Sinalização Turística (2001), as placas de atrativos turísticos devem ser confeccionadas na forma quadrada, sendo o fundo e a orla externa na cor marrom, a orla interna, as legendas e o fundo dos pictogramas na cor branca e os pictogramas na cor preta. Porém, vale ressaltar que esta padronização pertence ao sistema viário urbano e rural, não chegando a ser exigida dentro das propriedades onde há um empreendimento turístico, podendo, dessa forma, serem empregados outros tipos de placas.

Quanto ao seu posicionamento, em geral, as placas de identificação de um atrativo turístico são placas de posicionamento vertical e devem estar dispostas pela área do atrativo turístico em conformidade com outras placas de sinalização, e têm por objetivo “identificar as vias e os locais de interesse, bem como orientar condutores de veículos e pedestres quanto aos percursos, destinos, acessos, distâncias, serviços auxiliares e atrativos turísticos, podendo também ter como função a educação do usuário.” (CONTRAN, 2014, p. 23).

As placas restritivas são geralmente compostas pelo grupo das placas que impedem que o visitante toque em objetos ou animais, que indicam risco de perigo, ou que restringem o acesso do visitante a determinados lugares. Na figura 8 tem-se um exemplo de placa restritiva indicando ao visitante que não deve alimentar os animais.



Figura 8 - Placa restritiva
 Fonte: S.O.S. Trilhas (2011).

As placas de caráter educativo (figura 9) “têm a função de educar o usuário da via quanto ao comportamento adequado e seguro” (CONTRAN, 2014, p. 80). Elas servem para indicar qual a melhor conduta a ser adotada pelo visitante no decorrer de seu passeio, indicando os cuidados e as responsabilidades que o turista deve ter durante o percurso.



Figura 9 - Placa educativa

Fonte: Notícia do site www.agenciaminas.com.br (2013)

As placas indicativas de direção ou sentido são também placas de posicionamento vertical, elas “orientam o condutor nas diferentes etapas de seu deslocamento, fornecendo informações necessárias à definição das direções e sentidos a serem seguidos para alcançar o destino pretendido”. (CONTRAN, 2014, p. 62).

Como na figura 10, a placa tem caráter orientativo e possui nomes de lugares para os quais o visitante pode ir, indicando por meio de setas as direções a serem tomadas. Além disso, nesta mesma placa, é possível encontrar uma frase educativa sobre a preservação do ambiente.



Figura 10 - Placa orientativa

Fonte: Publicação de Tiago Zuza em www.mochileiros.com (2010)

Além das placas indicativas de direção ou sentido (figura 10), há também as placas de indicação de distância que auxiliam as pessoas nos deslocamentos e informam as distâncias a serem percorridas até o destino final.



Figura 11 - Placa orientativa

Fonte: Publicação de Luiza Campello em www.fuiacampar.com.br (2013)

Além das mensagens, as placas da figura 11 também são compostas por pictogramas que indicam atrativos turísticos.



Figura 12 – Pictograma

Fonte: Coelho Aimoré – Placas de Atrativos Turísticos

Outras placas podem trazer ainda somente pictogramas indicando atividades que podem ser realizadas no local como ciclismo e outros esportes, bem como transportes, serviços turísticos e alguns atrativos.

Dessa forma, é consenso afirmar que a sinalização turística exerce um importante papel no que diz respeito ao reconhecimento e valorização dos atrativos turísticos, pois, é por meio da sinalização que as pessoas podem desfrutar de um

atrativo turístico e a homogeneização do tipo de sinalização contribui para que o deslocamento se torne mais fácil e seguro para todos os visitantes.

5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

5.1 Levantamento e caracterização das placas existentes

O levantamento das placas de sinalização no empreendimento turístico Salto Sete foi feito desde a entrada na propriedade, por meio de registros fotográficos foram identificadas ao todo 16 placas de sinalização, sendo que doze delas têm caráter orientativo de direção ou sentido e as outras quatro podem ser classificadas em informativas restritivas e educativas, pois possuem mais de um tipo de informação em uma única placa.

É possível perceber que o empreendimento possui um logotipo próprio que aparece em algumas das placas de sinalização dispostas na propriedade, outras placas possuem uma padronização de cor e suporte, são, geralmente, de alumínio e são afixadas em estruturas de madeira ou nos troncos das árvores.

Nesta etapa de análise das placas de sinalização turística do Salto Sete: Ecoturismo e Aventura serão destacados em cada placa elementos como a informação que seu texto traz, se o local onde está afixada está de acordo com a função de seu texto, seu estado de conservação e a padronização em relação a outras placas existentes na propriedade.

Ao chegar ao Salto Sete o turista se depara que uma placa de boas vindas com o logotipo do empreendimento bem destacado.



Figura 13 - Placa orientativa
Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

Esta placa está localizada na entrada do Salto Sete e pode ser visualizada da estrada rural que dá acesso à propriedade. Pode ser classificada como uma placa orientativa, pois, apesar da inexistência de figuras indicando direção ou sentido, esta placa oferece ao visitante uma informação precisa de sua localização. O uso do logotipo nesta placa lhe confere um aspecto de identificação visual muito claro, apesar de não ser um padrão utilizado no decorrer do percurso pela propriedade. Apresenta elementos necessários ao turista, o local onde está afixada está de acordo com o propósito do texto que apresenta e está em bom estado de conservação.

Neste mesmo local, encontra-se outra placa, esta pode ser classificada como uma placa informativa que auxilia o turista na visitação do atrativo.



Figura 14 - Placa informativa
Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

A figura 13 apresenta uma placa de caráter informativo que está localizada também na entrada da propriedade, orientando o turista sobre o horário de atendimento do empreendimento. Esta placa traz as mesmas características que a da figura 12, que coloca em destaque o logotipo do Salto Sete. Apresenta informações necessárias para o turista, está em bom estado de conservação e sua localização atende o propósito da informação que oferece.

Até a recepção do empreendimento, encontram-se outras placas, estas indicam direção e sentido.



Figura 15 - Placa indicativa de direção ou sentido
Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

Estas duas placas estão localizadas em um ponto na estrada que leva até a recepção do empreendimento e ao estacionamento para os visitantes. Ambas apresentam características comuns com o fundo verde, com escritas, bordas e o símbolo de seta direcional na cor branca e alaranjada, além disso, possuem estruturas próprias e estão em um local de boa visualização para os turistas.

Após a recepção, o turista se depara com uma placa restritiva que informa quais as principais proibições insituídas pelo empreendimento.



Figura 16 - Placa informativa restritiva

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

Esta placa possui características diferentes das figuras 12, 13 e 14, apresentando uma coloração alaranjada com escritas na cor branca e com suportes próprios de madeira. Suas informações estão divididas por títulos indicativos de “proibição” e “atenção”, o que garantem que o turista seja informado no início de sua visita sobre as restrições apresentadas no empreendimento e outras recomendações. Esta placa atende à sua função e, apesar de utilizar uma mesma estrutura para dois tipos de informações diferentes (educativa e restritiva), está em local adequado ao tipo de informação que traz e está em bom estado de conservação.

A segunda placa encontrada após a recepção é a que indica duas direções a serem tomadas de acordo com o interesse do visitante: o mirante ou a cachoeira principal, que leva o mesmo nome do empreendimento. Estas placas se classificam como orientativas de direção ou sentido, se encontram em locais onde a sua ausência poderia trazer problemas de orientação ao visitante e, além disso, estão em bom estado de conservação.



Figura 17 - Placa indicativa de direção ou sentido
Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

Esta placa está localizada exatamente entre a trilha de acesso ao mirante e a de acesso ao salto e fica em frente ao restaurante e à pousada, tendo boa visualização tanto de hóspedes como de visitantes. Estas duas placas possuem uma coloração verde, com bordas, letras e setas na cor branca, característica que também pode ser vista em outras placas do empreendimento, demonstrando haver uma tentativa de padronização.

Na escolha para a visitação do “mirante”, o turista encontra outra placa indicativa de direção. A sua localização é ao lado da trilha que dá acesso ao mirante do Salto Sete e ainda possui um cesto de lixo afixado em sua estrutura de madeira.



Figura 18 - Placa indicativa de direção ou sentido
Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

Esta placa possui as mesmas características das placas das figuras 14 e 16, sua coloração é verde e possui bordas, escritas e seta na cor branca, além disso, também possui um suporte específico de madeira. Atende ao propósito de seu texto e afiação, tem boa localização e suas características seguem a padronização já encontrada em outras placas.

Na escolha para a visitação do Salto Sete, o turista encontra uma placa que pode ser classificada como uma restritiva e, ao mesmo tempo, educativa, pois está dividida por uma faixa e contém frases de aviso sobre a segurança do local e sobre a importância da preservação do ambiente.



Figura 19 - Placa informativa restritiva
Fonte: HARMATIUK, K., 2016.

Esta placa possui a coloração alaranjada e está estruturada em dois suportes de madeira. Sua localização é ao lado da trilha de acesso à parte superior da cachoeira principal, o que contribui para que o visitante seja informado sobre questões relacionadas à sua segurança e esteja consciente da importância da preservação, tem bom estado de conservação e possui características semelhantes de placas já encontradas (figura 15).

A próxima placa encontrada durante a trilha é a que indica a direção para a visita da parte superior do Salto Sete.



Figura 20 - Placa indicativa de direção ou sentido

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

Esta placa possui características semelhantes às das figuras 14, 16 e 17, porém está afixada no tronco de uma árvore às margens do rio. Sua localização permite que o visitante possa ter acesso à parte superior do salto através de uma trilha. Esta placa indica uma direção a ser tomada pelo visitante, atende ao seu propósito, tem bom estado de conservação e segue a uma padronização conforme outras placas já identificadas.

O percurso a partir desta placa até a parte de cima do salto não há outra placa existente, somente após atravessar o rio é que o turista encontra uma placa referente a outro ponto do empreendimento, que é a trilha de acesso à parte inferior do salto.



Figura 21 - Placa indicativa de direção ou sentido

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

Esta placa indica a direção da trilha de acesso à parte inferior do Salto Sete, onde o visitante precisa percorrer mais de mil metros de caminhada por uma trilha com poucos recursos. Nesta placa há também informações sobre o grau de dificuldade e distância da trilha e ainda há um aviso sobre a necessidade de usar equipamentos de segurança durante o trajeto, entretanto, esta informação deveria aparecer em um ponto na entrada do empreendimento.

A placa da figura 20 apresenta características comuns às placas das figuras 12 e 13 que se encontram na entrada da propriedade, há o logotipo do empreendimento em destaque, está em bom estado de conservação e oferece ao turista informações necessárias sobre a trilha.

Durante o percurso até a entrada da trilha, é possível encontrar ainda mais uma placa indicativa de direção.



Figura 22 - Placa indicativa de direção ou sentido

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

Esta placa tem uma característica particular, não possui uma estrutura própria, tendo sido afixada em um tronco de árvore. Além disso, a palavra “salto” e o símbolo indicativo de direção estão registrados em carvão sobre um pedaço de madeira, o que dificulta a visão e se deteriora com as ações do tempo, podendo deixar o visitante desorientado.

No início da trilha encontra-se uma placa que possui características semelhantes a de outras placas, como o fundo verde e o símbolo orientativo de sentido na cor alaranjada, porém não é possível definir quais outros elementos ou cores haviam nesta placa devido ao seu estado.



Figura 23 - Placa indicativa de direção ou sentido

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

É possível perceber que no caso desta placa, sua posição está de acordo com a sua finalidade, a de indicar a direção da entrada da trilha para a parte inferior do salto, porém, em razão de parte de sua coloração ter sido apagada, a indicação foi feita à mão ao invés de ser substituída.

Ao ingressar no percurso da trilha o visitante não encontra placas no decorrer do trajeto, somente no final dele onde há uma bifurcação.

A primeira placa encontrada é de caráter informativo, na qual o visitante tem o conhecimento de que trilha que está percorrendo vai leva-lo até a parte inferior do salto.



Figura 24 - Placa indicativa de direção ou sentido

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

Esta placa tem no fundo a coloração verde e nas escritas prevalece a cor branca, mas, é possível perceber que as bordas externas na cor branca foram retiradas e as letras assumiram uma forma diferente das placas das figuras 14, 16, 17 e 19 colocando em destaque o nome do salto (Salto Sete), porém não pelo logotipo padrão do empreendimento, além disso, seu texto possui um erro gramatical na palavra “em baixo”, que deveria ter sido escrita “embaixo”. Sua posição exerce um papel importante para dar informações ao turista, mas não foi confeccionada com devido cuidado quanto à padronização em relação às outras placas, nem com o texto escrito.

Próximo desta placa encontram-se outras duas que indicam o respectivo lugar que cada trilha levará de acordo com a escolha do visitante.



Figura 25 - Placa indicativa de direção ou sentido

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

Esta placa indica a direção da trilha a ser tomada caso o visitante opte por chegar até o Rio dos Patos, onde desagua a cachoeira. Não há informações suficientes sobre a distância ou riscos, além disso, as escritas são em carvão e a estrutura da placa é madeira.

Neste mesmo local há outra placa indicando a outra trilha da bifurcação, onde o turista pode ter acesso à parte inferior do salto.



Figura 26 - Placa indicativa de direção ou sentido

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

Neste caso, as características são semelhantes às das placas das figuras 21 e 24, nas quais há falta de informações e estruturas adequadas à melhor visualização do visitante e à conservação do meio ambiente, considerando que seu suporte é a própria árvore.

Sabe-se que a maioria das placas possui características suficientes ao turista, porém, há lugares em que a presença de placas tem caráter fundamental, principalmente quando se trata de locais de risco e em meio às trilhas.

Com a tabela abaixo é possível perceber que a maioria das placas identificadas estão em lugares adequados à sua função, direcionar, alertar, informar, entre outras, porém, percebe-se uma ausência na padronização das características das placas como cores, suportes e material utilizado na sua confecção.

	Informação	Padronização	Localização	Estado de Conservação	Nota Total
Figura 12	3,0	3,0	3,0	3,0	3,0
Figura 13	3,0	3,0	3,0	3,0	3,0
Figura 14 - Placa 1 - Placa 2	3,0	3,0	3,0	3,0	3,0
Figura 15	3,0	2,0	3,0	3,0	2,75
Figura 16 - Placa 1 - Placa 2	3,0	3,0	3,0	3,0	3,0
Figura 17	3,0	3,0	3,0	3,0	3,0
Figura 18	3,0	2,0	3,0	3,0	2,75
Figura 19	3,0	3,0	3,0	3,0	3,0
Figura 20	3,0	3,0	3,0	3,0	3,0
Figura 21	1,0	1,0	2,0	1,0	1,25
Figura 22	1,0	1,0	2,0	1,0	1,25
Figura 23	2,0	2,0	2,0	1,0	1,75
Figura 24	1,0	1,0	2,0	1,0	1,25
Figura 25	1,0	1,0	1,0	1,0	1,0

Tabela 1 - Avaliação das placas

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

De um total de 16 placas identificadas, percebe-se que 9 delas possuem informação, localização e padronização adequados para o recebimento de visitantes no empreendimento turístico, e estão em bom estado de conservação, 2 possuem a

maioria dos elementos analisados em boas condições, mas não possuem características comuns às outras placas, 4 delas têm condições ruins de informação, padronização e estado de conservação apesar de terem boa localização de acordo com a função que pretendiam exercer e 1 delas tem todos os seus elementos avaliados como ruins, pois não oferece ao turista informações necessárias à sua localização, deslocamento ou segurança, não está em bom estado de conservação e não possui padronização em relação às outras placas.

Portanto, destaca-se a importância de haver um planejamento antes da elaboração das placas a fim de verificar quais os pontos principais que precisam ser sinalizados, a quantidade das placas necessárias, a qualidade do material de sua fabricação e a padronização de suas cores, formas e estruturas, para que o visitante possa identificar durante o seu passeio quais os riscos à sua segurança, esteja informado e saiba localizar-se dentro do empreendimento.

5.2 Pontos a serem sinalizados

Considerando a relevância da sinalização turística para o desenvolvimento de um empreendimento turístico, nesta pesquisa destacam-se também alguns pontos onde a ausência de sinalização, ou que esta esteja adequada ao seu posicionamento, podem prejudicar a visita do turista.

Dessa forma, foram selecionados nove pontos no percurso das trilhas, ao lado do rio, ao lado de lixeiras e no mirante, a fim de elaborar placas de sinalização que possam oferecer ao turista informações, segurança e direcionamento.



Figura 27 – Vista aérea do Salto Sete: Ecoturismo e Aventura

Fonte: inforturprudentopolis.blogspot.com.br

A figura 26 traz a vista panorâmica do empreendimento turístico Salto Sete: Ecoturismo e Aventura. Na imagem foram demarcados os pontos de 1 a 10 para indicar o local onde foi identificada a necessidade de placas de sinalização. A numeração corresponde às placas de acordo com as imagens que seguem abaixo.



Figura 28 - Mirante Salto Sete

Fonte: HAMATIUK, A., 2016.

1. Placa de caráter informativo restritivo com a frase: “ATENÇÃO, para sua maior segurança, não ultrapasse a grade”.
2. Placa de caráter informativo com a frase: “Salto Sete, 77 metros de altura”.

O primeiro ponto selecionado é no mirante do Salto Sete. Durante a trilha de acesso ao mirante encontram-se placas indicativas de direção (figuras 16 e 17), entretanto, quando o turista se desloca até o mirante não há mais placas de sinalização. Apesar de não haver necessidade de mais placas do tipo orientativas, considerando que a trilha de acesso é feita de concreto, há dois pontos importantes a ser considerados neste lugar, como informações sobre o salto e segurança dos visitantes.

Ao final da trilha para o mirante encontra-se uma estrutura de madeira com proteção de grades de ferro e concreto. A estrutura, aparentemente, oferece segurança aos visitantes, porém há espaços onde a grade de ferro não isola, podendo ser acessada facilmente por qualquer pessoa. Assim, seria conveniente a colocação de placas restritivas informando sobre os riscos ao ultrapassar a grade de proteção ou ao tentar pendurar-se nela.

Além disso, neste ponto seria adequado também haver uma placa informativa contendo dados sobre a altura do Salto Sete ou outros dados significativos.

Outro ponto a ser sinalizado está localizado na trilha de acesso à parte superior do Salto Sete. Muitas espécies de plantas passam despercebidas durante a caminhada pelas trilhas, por isso, a identificação de algumas espécies por meio de placas informativas pode oferecer ao visitante informações que, muitas vezes, eram, até então, desconhecidas.



Figura 29 - Trecho da trilha de acesso à parte superior do Salto Sete

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

3. Placa de caráter informativo com a frase: “Xaxim (*Dicksonia sellowiana*). Espécie de planta nativa da Mata Atlântica e América Central. Cresce de 1 a 2 cm por ano, portanto, pode levar até 50 anos para se tornar uma planta adulta. Devido à extração desenfreada de seu tronco, muito utilizado como suporte para o cultivo de outras plantas, o xaxim está em extinção e sua extração no Brasil está proibida.

Destaca-se, ainda, outro ponto significativo neste trecho de trilha, principalmente por se tratar de uma caminhada realizada à beira de um rio de pequena profundidade, tornando-o acessível ao visitante.



Figura 30 - Rio na parte superior do Salto Sete

Fonte: Adaptado de ALBERTON, V., 2016.

4. Placa de caráter informativo restritivo com a frase: “Água imprópria para consumo”.

Neste local seria adequada uma placa de sinalização do tipo restritiva, informando aos visitantes que a água é imprópria para consumo, tendo em vista que se trata de um rio e que ao redor da propriedade encontram-se criações de animais e falta de saneamento básico, fatores que podem contaminar a água.

No percurso desta mesma trilha encontram-se dois recipientes usados como lixeira, nos quais há apenas a palavra “lixo” em destaque.



Figura 31 - Recipiente azul para lixeira

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

5. Placa de caráter educativo com a frase: “A preservação do ambiente começa com você, jogue lixo no lixo”.

Nesta imagem, percebe-se o uso de um recipiente de plástico na cor azul indicando ser uma lixeira por meio da palavra “lixo” em amarelo. É possível afirmar que só com estes elementos o visitante pode identificar que se trata de um recipiente para depósito de resíduos, porém, seria interessante para a infraestrutura do empreendimento a utilização de placas educativas, a fim de reafirmar a importância da preservação do meio ambiente.

Em outro caso, o recipiente de plástico é de cor preta, não possui estrutura própria, tendo sido colocado entre os galhos de uma árvore. Neste ponto seria adequada a retirada do recipiente e o posicionamento de uma placa educativa com o intuito de incentivar o visitante a recolher o seu próprio lixo consumido.



Figura 32 - Recipiente preto para lixeira

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

6. Placa de caráter educativo com a frase: “A responsabilidade social e a preservação ambiental significa um compromisso com a vida. (João Bosco da Silva) Não jogue lixo no chão!”

Ao final desta trilha até a parte superior do Sato Sete, encontra-se mais um ponto onde a sinalização tem caráter significativo, isso porque se trata de um local que oferece risco ao turista.



Figura 33 - Parte superior do Salto Sete

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

7. Placa de caráter informativo restritivo com a frase: “Para sua segurança, não ultrapasse a grade!”

Neste ponto, as grades de proteção são formadas por estruturas de madeira e arame, impedindo que o visitante ultrapasse a linha onde a sua segurança poderia estar em risco. Entretanto, estas estruturas poderiam vir acompanhadas de placas de sinalização restritiva, alertando o turista sobre os riscos ao ultrapassar as grades.

O caminho que dá acesso à trilha para a parte inferior do salto se inicia com a travessia do rio e possui uma placa orientativa de direção e com informações sobre a extensão do percurso e o nível de dificuldade, como foi registrado na figura 20. Após esta placa, o visitante percorre um longo trecho de grama e pedras até chegar à trilha mais fechada.

Neste trecho há dois pontos importantes a serem sinalizados, considerando a extensão da trilha e o risco de que o turista possa ficar desorientado durante o percurso.



Figura 34 - Trecho de trilha de acesso à parte inferior do Salto Sete

Fonte: ALBERTON V., 2016.

8. Placa de caráter orientativo com a frase: "Trilha de acesso à parte inferior do Salto Sete. Trilha de acesso ao Rio dos Patos." Além de possuir uma flecha indicativa de direção.

A figura 34 representa outra parte do trecho de trilha que dá acesso à parte inferior do Salto Sete e também ao Rio dos Patos.



Figura 35 - Percurso até a trilha de acesso à parte inferior do Salto Sete

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

9. Placa de caráter orientativa com a frase: "Trilha de acesso à parte inferior do Salto Sete a poucos metros".

Este percurso está demarcado através da frequente passagem de visitantes pelo mesmo local, porém, a ausência de infraestrutura pode prejudicar a localização do turista. Seria adequado, neste ponto, melhorias no caminho a ser percorrido, como colocação de pedras ou somente aparar a grama que, gradativamente, fecha a trilha. Além disso, uma placa orientativa de sentido seria ideal para o melhor direcionamento do turista até a trilha de interesse.



Figura 36 - Trilha de acesso à parte inferior do Salto Sete

Fonte: HARMATIUK, A., 2016.

10. Placa de caráter informativo restritivo com a frase: “Esta trilha não possui equipes de resgate imediato, seja cuidadoso”.

Na figura 35 tem-se a trilha de acesso entre a mata fechada. Esta trilha não tem infraestrutura alguma, mantendo o maior contato possível do turista com a natureza. Porém, ao mesmo tempo, esta trilha não possui estrutura que garanta a segurança do visitante nem informações sobre os riscos que representa. A única informação sobre a ausência de equipamentos de segurança e equipes de resgate é encontrada em uma placa no início do percurso pelo empreendimento, como foi registrado na figura 18. Entretanto, seria adequado que na própria trilha houvesse uma placa informativa restritiva que informasse aos turistas os riscos da realização do percurso e os cuidados a serem tomados.

Neste percurso, uma placa educativa sobre a preservação do ambiente é ideal para que o visitante evite o consumo de alimentos e bebidas, ou que reserve

os recipientes ou papéis plásticos até encontrar uma lixeira adequada para o seu descarte, considerando que não há lixeiras durante a trilha.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que sinalização turística tem significativa importância para o desenvolvimento de um empreendimento turístico, auxiliando na localização e no conhecimento do local, dessa forma, destaca-se a relevância de que esta sinalização esteja visível e de acordo com a sua localização.

Nesta pesquisa, buscou-se verificar as condições atuais das placas de sinalização turística no empreendimento Salto Sete: Ecoturismo e Aventura. Foi realizado um levantamento e analisadas as placas existentes, a fim de identificar a localização de cada um delas e a sua funcionalidade dentro do empreendimento. Foram registrados pontos onde não havia sinalização, apontadas melhorias no local e, em anexo, encontram-se sugestões de placas de sinalização de acordo com a sua funcionalidade e localização.

A partir desta investigação, foi possível perceber que o empreendimento turístico Salto Sete: Ecoturismo e Aventura apresenta uma infraestrutura adequada para receber visitantes, porém, carece ainda de placas de sinalização informativas restritivas, educativas e orientativas que possam contribuir para o desenvolvimento da atividade.

Dessa forma, destaca-se a importância de que o local seja visto a partir de um planejamento que vise melhores condições de localização, informação e restrição aos visitantes, para que possam realizar o percurso com segurança e desfrutar de atividades em meio à natureza com conscientização.

7 REFERÊNCIAS

- ALBERTON, V. **Cachoeira principal vista de cima**. Prudentópolis, 2016.
- _____. **Mirante na parte posterior do restaurante**. Prudentópolis, 2016.
- _____. **O restaurante do Salto Sete**. Prudentópolis, 2016.
- _____. **Rio na parte superior do Salto Sete**. Prudentópolis, 2016.
- _____. **Trecho de trilha de acesso à parte inferior do Salto Sete**. Prudentópolis, 2016.
- ALEXANDRE, M. L.; COSTA, B. K. Estratégia, Competição e Turismo: uma nova abordagem. In: REJOWSKI, M.; COSTA, B. K. (Orgs.). **Turismo Contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão**. São Paulo: Editora Atlas, 2003, p. 107-124.
- ANDRADE, W. J. de. Implantação e manejo de trilhas. In: MITRAUD, S. (Org.). **Manual de ecoturismo de base comunitária: ferramentas para um planejamento sustentável**. Brasília: WWF Brasil, 2003, p. 247-260.
- ATRATIVOS NATURAIS. Prudentópolis “Terra das Cachoeiras Gigantes”. Disponível em: < <http://infoturprudentopolis.blogspot.com.br/p/atrativos-naturais.html>>. Acesso em 27 jul. 2016.
- BARBOSA, F. F. O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ou regional. **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, MG, n. 10, p. 107-114, fev. 2005.
- BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 17 ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- BARROS, M. O.; SILVA, S. C. O Desenvolvimento do Turismo: uma visão sistêmica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SISTEMAS, 4, 2008, Franca-SP. **Anais do 4º Congresso Brasileiro de Sistemas**. Centro Universitário de Franca Uni-FACEF, 2008, p. 1-17.
- BRAGA, G. H. Turismo de Natureza ganha força no Brasil. (2015) Disponível em: < <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/5526-turismo-de-natureza-ganha-for%C3%A7a-no-brasil.html>>. Acesso em 13 mai. 2016.
- BRASIL. ABETA; Ministério do Turismo. **Diagnóstico do Turismo de Aventura no Brasil**. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2009a.
- _____. **Manual de boas práticas de Canionismo e Cachoeirismo**. Belo Horizonte: Ed. dos autores, 2009b.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Ecoturismo: Orientações Básicas**. 2 ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

_____. **Estudos da competitividade do turismo brasileiro: Infraestrutura**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

CAMPELLO, L. **Camping da Reserva Natural Salto Morato**. (2013) Disponível em: <<http://fuiacampar.com.br/camping-da-reserva-natural-salto-morato/>>. Acesso em 23 fev. 2016.

CASTELLI, G. **Gestão hoteleira**. São Paulo: Saraiva, 2006.

COELHO AIMORÉ. Placas de Indicação: Placas de Atrativos Turísticos. Disponível em: <http://aimore.net/placas/placas_atrativos_turisticos_aimore.html>. Acesso em 27 jul. 2016.

CONTRAN. **Manual Brasileiro de Sinalização de Trânsito: Sinalização Vertical de Indicação**, v. 3, Brasília: DENATRAN; Ministério das Cidades, 2014.

CORREIA, C. B. S.; SANTOS, L. C. C. **Evolução do Ecoturismo no Brasil: de 1993 a 2003**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2003. 83 fls. Monografia. (Especialista em Ecoturismo) – Centro de Excelência em Turismo. Universidade de Brasília, 2003.

DIRETRIZES PARA O TURISMO EM ÁREAS NATURAIS NO PARANÁ, Curitiba, 2000.

DRUMM, A.; MOORE, A. (2002). **Desenvolvimento do Ecoturismo: Um manual para planejadores e gestores de conservação**. v. 1. Arlington, Virgínia, USA: The Nature Conservancy, 2003.

EICHENBERG, F. O.; DA SILVA, C. A. Políticas públicas de turismo no Brasil: normalização em Turismo de natureza e a experiência do programa aventura Segura. **Revista de investigación en turismo e desarrollo local**, v. 6, n. 15, p. 2-7, dez. 2013.

ENDRES, A. V. Sustentabilidade e Ecoturismo: conflitos e soluções a caminho do desenvolvimento. **Turismo em Análise**, São Paulo, n. 9, p. 37-50, mai. 1998.

GUEDES, N. L. S.; LEÃO, R. M. Elementos para a análise da sinalização de pontos turísticos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMETRIA DESCRITIVA E DESENHO TÉCNICO, 18., 2007, Curitiba. **Graphica 2007**. Curitiba: UFPR, p. 1-9, nov. 2007.

IPHAN; EMBRATUR; CONTRAN. **Guia Brasileiro de Sinalização Turística**, 2001.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do turismo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

LÓPEZ-RICHARD, V.; CHINÁGLIA, C. R. Turismo de Aventura: conceitos fundamentais. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 199-215, nov. 2004.

MACHADO, M. B. T. As etapas evolutivas do turismo: um estudo sobre o Rio de Janeiro (séculos XVIII-XX). **Cultur – Revista de Cultura e Turismo**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 105-127, fev. 2013.

MCKERCHER, B. **Turismo de Natureza: planejamento e sustentabilidade**. (Tradução de Beth Honorato e Eliana Rodrigues). São Paulo: Contexto, 2002.

NOVO, C. B. M. C.; TEIXEIRA DA SILVA, G. **Planejamento e organização do turismo: curso técnico em hospedagem**. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 2010.

OLIVEIRA, J. N. O planejamento da infra-estrutura urbana para o desenvolvimento do turismo, baseado nos conceitos descritos no estatuto da cidade e na boa forma da cidade. In: Festival de Turismo das Cataratas do Iguaçu, Fórum Internacional de Turismo do Iguaçu, 5, 2011, Foz do Iguaçu, Paraná, 16 p.

Organização Mundial do Turismo – OMT. **Estatísticas Básicas do turismo Brasil – Ano base 2014**. Brasília: Ministério do Turismo, 2015.

PARCERIA firmada pelo Parque do Rola Moça assegura instalação de placas educativas. (2013) Disponível em: <
<http://www.agenciaminas.noticiasantigas.mg.gov.br/multimedia/galerias/parceria-firmada-pelo-parque-do-rola-moca-assegura-instalacao-de-placas-educativas-2/>>. Acesso em 23 fev. 2016.

PIRES DE OLIVEIRA, C. **Caracterização do mercado de atividades de turismo de natureza em Portugal**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2013, 125 f. Dissertação. (Mestre em Engenharia do Ambiente) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Lisboa, 2013.

REVISTA ECOTURISMO. Crescimento reflete tendência mundial de busca pelo turismo de natureza e Brasil desponta como um dos principais destinos. Disponível em: <
<http://revistaecoturismo.com.br/turismo-sustentabilidade/crescimento-reflete-tendencia-mundial-de-busca-pelo-turismo-de-natureza-e-brasil-desponta-como-um-dos-principais-destinos/>>. Acesso em 22 fev. 2016.

ROSA FILHO, W. C. Sinalização turística: análise e proposta para o desenvolvimento turístico da cidade de Morros- MA. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO, 9., 2014, Recife, Pernambuco. **Anais**. Dois Irmãos, Recife, Pernambuco: UFRPR, 2014. P 265-278.

RUSCHMANN, D. V. M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. 11 ed. Campinas, SP: Papirus, 2004. (Coleção Turismo)

SALTO SETE: Ecoturismo e Aventura. Disponível em: <www.saltosete.com.br>. Acesso em: 10 fev. 2016.

SILVA, F. G. S.; MELO, R. S. A contribuição da sinalização turística para o desenvolvimento turístico da cidade de Parnaíba (PI, Brasil). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. São Paulo, v. 6, p. 129-146, mai./ago. 2012.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.) **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 31-42. (Série Educação a Distância)

SIQUEIRA, L. F. de. Trilhas interpretativas interpretativas: uma vertente responsável do (eco)turismo. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 79-87, 2004.

S.O.S. Trilhas. **Voluntários no meu Recanto**. (2011) Disponível em: <http://www.sostrilhas.com/2011_03_01_archive.html>. Acesso em 23 fev. 2016.

ZUZA, T. **Ilha do Mel: perguntas e respostas**. Disponível em: <<http://www.mochileiros.com/ilha-do-mel-perguntas-e-respostas-t41742.html>>. Acesso em 23 fev. 2016.

WWF Brasil; SALVATI, S. S. (Org.) **Turismo Responsável: Manual para políticas locais**. Brasília: WWF Brasil, 2004.